



O JORNALISTA DA CIDADE CIBORGUE: CONEXÕES DE UM SER DESPLUGADO

Cecilio Ricardo de Carvalho Bastos¹

Resumo: A pesquisa se dedica a verificar como a cultura móvel interfere nas práticas do jornalista, configurando um profissional onipresente, envolvido pela rede e em uma conexão generalizada. Para tanto, desenvolveu-se uma análise sobre as práticas jornalísticas de profissionais das cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), problematizando os processos de subjetivação dos jornalistas para, então, alcançar os níveis de conexões que se concentram na relação tecnologia móvel e os novos procedimentos para o exercício de produção da informação. Consta, neste estudo, uma leitura ampla sobre as consequências de uma aversão tecnológica por parte dos jornalistas e empresários do setor, assim como os efeitos dos valores vinculados nas mensagens disseminadas no universo midiático compostas por um conjunto ineficiente de ferramentas.

Palavras-chave: comunicação; cibercultura; cidade.

1. Introdução

O decorrer deste século XXI tem demonstrado uma nova fase da sociedade da informação. Isso está correlacionado a popularidade da internet que, da década de 1980 aos dias atuais, tem transformado as práticas sociais, o espaço urbano, além das formas de produção e consumo da informação (LEMOS, 2004). Neste ambiente mutante, parte intrínseca da cidade ciborgue, o jornalista solta as amarras e desenvolve atividades de forma onipresente, inserido e envolvido pela rede.

Tudo isso exige das ciências da comunicação a compreensão da sinergia entre a emergência da modalidade e o comportamento do jornalista. Logo, o reconhecimento da era da conexão passa, portanto, pelo conjunto de teoria do *mass media* ligadas a uma abordagem sociológica (WOLF, 2008).

O interesse social e político sobre a era das conexões está rendido ao potencial agregador das tecnologias de comunicação e ao profissional jornalista cabe um interesse de tais discussões, a medida que a expansão da interação, pontuada desde 2005 pelo pesquisador Alex Primo, promove um acelerado consumo de informação.

¹ Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo em Multimeios pela Universidade do Estado da Bahia. Pós-graduado em Jornalismo Digital pela Faculdade Internacional de Curitiba.

2. Justificativa

São diversas as modificações do espaço urbano na Era da Mobilidade (SANTAELLA, 2007). E junto com as transformações urbanas surgem, também, as mutações sociais e, claro, profissionais. Inserido no universo da cibercultura, o jornalista passa a (des)configurar práticas com a emergência das tecnologias de comunicação sem fio. E Giddens (2002) acrescenta que

em vários aspectos fundamentais, as instituições modernas apresentam certas descontinuidades com as culturas e modos de vida pré-modernos. Uma das características mais óbvias que separa a era moderna de qualquer período anterior é seu extremo dinamismo. O mundo moderno é um 'mundo em disparada': não só o ritmo da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a amplitude e a profundidade com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores (p. 22).

Para este estudo, dois comportamentos técnicos são problematizados como fenômenos distintos: a conduta do profissional jornalista com a operacionalidade da telefonia celular e o constante acesso à internet sem fio.

O que se pretende evidenciar é que o jornalista engessado, exclusivamente, ao uso do *personal cumputer* (PC) ou, até mesmo, do computador coletivo (CC), caracterizado pelo indivíduo acomodado a um ambiente infestado de tomadas e *plugs* que levam fios de um canto a outro da redação, representa hoje um profissional ineficiente devido a convergência tecnológica e a ascensão dos computadores coletivos móveis (CCm) (LEMOS, 2004).

A informatização total da sociedade contemporânea se ainda não é uma realidade em muitos lugares, pelo menos, já se constitui como um projeto que passa a ocupar os planos de governo dessas localidades. A partir de tais transformações, o fluxo de informações aumenta a níveis incalculáveis e faz com que a profissão de jornalista exija do profissional, um papel que compactue com o dinamismo e a flexibilidade dos novos medias. Eis que surge o jornalista desplugado. E aqui não se apresentam exigências operacionais meramente técnicas, mas, principalmente, uma operacionalidade intelectual que faça o uso eficiente das ferramentas de suporte ao desempenho da profissão.

Desse modo, interessa a este estudo saber como a cultura móvel interfere nas práticas do jornalista, configurando um profissional onipresente, envolvido pela rede e em uma conexão generalizada. Sabe-se que esse processo ocorre no indivíduo, mas para ele convergem todos os sistemas de representação, de sensibilidade, de percepção, de linguagem e de comunicação, produzidos no meio em que vive (GUATARRI, 1986).

3. A cidade e suas conexões (políticas) invisíveis

Organizada para agregar, a cidade é um componente da criação humana, erguida no tempo e no espaço, que compactua movimentos estratégicos para o aparelhamento da vida em comum (COX, 1971). Mas o que se chama de espaço urbano estrutura-se a partir do século XIV, na Europa Ocidental, quando as cidades transformam-se em cidades comerciais. O termo urbano vem do latim *urbs*, significando cidade em oposição ao rural, *rus*. O urbano designa um conceito mais ligado ao comportamento nas cidades. Já a palavra inglesa *city* vem do francês *cite*, que originalmente significava lugares de importância, de poder. Em muitas passagens das ciências sociais a cidade é tratada como um organismo vivo, construída através de formas de redes. Um forte indício que abarca a relação contemporânea entre as cidades atuais e as novas tecnologias de comunicação e informação.

A ascensão das zonas de acesso à internet sem fio faz das cidades contemporâneas um ambiente de conectividade apto às novas práticas e usos do espaço urbano. Para que o indivíduo tenha acesso ao fluxo de dados, é suficiente um equipamento munido da tecnologia para recepção da web sem fio, comumente chamada de sinal *wi-fi*. Essa facilidade faz com que se formem na urbe lugares centrais com intenso fluxo de informações, fazendo com que os atuais projetos urbanísticos sejam implantados sob perspectivas baseadas na cibercultura. Neste espaço, não é mais o indivíduo que vai a busca do ponto de acesso, mas a rede que envolve o usuário em seu ambiente. Essa relação com o ambiente opera diretamente na subjetividade do indivíduo constituindo novas práticas e imaginários.

No Brasil, a disponibilidade da rede *wi-fi* é mais comum em hotéis, cafés, restaurantes, aeroportos e shoppings. Todavia, algumas cidades já despontam com experiências do tipo, irradiando praças públicas com internet sem fio. Trata-se de mais uma rede que permeia as cidades: as redes telemáticas planetárias (LEMOS, 2004). Para a implantação de tais sistemas é possível presenciar as diversas reformulações técnicas das paisagens. Mutações de infraestrutura urbanística que, apenas, camufla do olho humano as ondas eletromagnéticas do espaço. É claro que isso não é uma novidade radical, mas “a instauração de uma nova dinâmica de reconfiguração urbana que faz com que o espaço das cidades seja reconfigurado com a emergência das novas tecnologias de comunicações e as redes telemáticas” (LEMOS, 2004, p. 20).

Um comportamento interessante se difunde neste processo de adaptação das cidades. Novos reagrupamentos são constituídos no espaço físico evitando o esvaziamento do espaço

público e potencializando efetivas formas de comunicação. Sobre este aspecto, Chris Anderson (2006, p. 103) ratifica que

as pessoas se aglomeram não só porque gostam de estar perto umas das outras ou porque preferem centros metropolitanos, com muitas amenidades, embora ambas as características sejam relevantes. As pessoas e suas empresas também se aglomeram por causa das poderosas vantagens de aumento da produtividade, economias de escala e difusão do conhecimento, propiciados pela densidade demográfica. As idéias fluem com mais liberdade, são cultivadas com mais acuidade e são postas em prática com mais rapidez quando numerosos inovadores, implementadores e financiadores estão em contato constante entre si, no trabalho e no lazer.

O que é gerado é uma espécie de fusão entre a cidade física e o universo virtual. Vale ressaltar que esse não é um movimento apenas construído pelos poderes institucionais, mas, principalmente, marginais, representados pelas fortes pressões de ativistas pró democratização da banda larga. Dentro desse processo, há um jogo de forças e tensões para que, de fato, reduza os indicativos da exclusão social, regenere o espaço público e promova a assimilação social com as novas tecnologias.

Desvendada as amarras sociais, o ciberespaço ainda não se constitui como um ambiente universal. Porém, é possível identificar uma dinâmica, que faz do usuário não só consumidor, mas emissor de informações. Um comportamento que quebra a passividade da sociedade ao relacionar tecnologia digital, comunicação, massa, multidão, conexão e mobilidade. A cidade desplugada, já disponibiliza, de certo modo, alterações nas relações sociais ao tempo que a era da conexão cresce a passos largos no Brasil.

4. A constituição da cidade ciborgue

O estabelecimento da sociedade informatizada, que tem seu início marcado na década de 1970 com a convergência tecnológica e a expansão do *personal computer* (PC) e, logo após, nos anos de 1980 e 1990, com a popularização da internet, modificando o que antes era PC em um computador coletivo (CC), conectado ao ciberespaço (LEMOS, 2004), ainda se configura como uma ação em desenvolvimento gradual em muitos países. E no Brasil o processo de democratização do universo informatizado é caracterizado como um ambiente multiforme e em descompasso. Basta estender um olhar sobre as regiões do país para perceber a discrepância da informatização entre os estados. Principalmente, se fizer referência à banda larga.

Todavia, apesar das discrepâncias, junto com o gradativo processo de estabelecimento da sociedade informatizada, a população é testemunha de uma nova fase. Sobretudo, aquela relacionada com a popularização da internet, aos mecanismos computacionais sem fio, as conexões web desprovidas de cabos e conectores, além da tecnologia *bluetooth*. Práticas sociais de consumo e produção da informação, interligadas intimamente ao espaço urbano. “A cibercultura solta as amarras e desenvolve-se de forma onipresente, fazendo com que não seja mais o usuário que se desloca até a rede, mas a rede que passa a envolver os usuários e os objetos numa conexão generalizada” (LEMOS, 2004, p. 1). O computador passa para a rede sua função inicial e se firma agora como uma simples máquina de conexão. A ferramenta de intermediação entre o usuário e o ciberespaço. Surge, então, no século XXI, a fase da computação qualificada como ubíqua, pervasiva e senciente².

A preocupação central e a superação de lançamentos maquínicos se concentram, neste momento, na tecnologia da mobilidade. As tecnologias móveis entram no mercado com o compromisso de propiciar conexão, independentemente de tempo e espaço, para uma efetiva troca de informações. Um fator essencial que caracteriza a era da conexão, distinguida por Lemos (2004) como a fase dos computadores coletivos móveis (CCm). Nesta etapa, expandem-se os acoplamentos entre os seres humanos, máquinas e humanos, e máquinas e máquinas. Enquanto as conexões se espalham pela cidade, através das redes 3G, *wi-fi*, *bluetooth*, entre outras tecnologias que continuam a surgir, estabelece-se um comportamento nômade na cultura de sobrevivência. Tais mudanças de condutas podem ser constatadas desde a forma como nos relacionamos em nossa própria residência até os procedimentos técnicos profissionais. Verifica-se que novas práticas do espaço urbano surgem com a interconexão entre mobilidade, espaço físico e ciberespaço.

Nessa medida, a cidade ciborgue se torna um componente fundamental para o desenvolvimento das atividades humanas. A disposição urbana contemporânea é, cada vez mais, uma acomodação da mobilidade, impregnada de tecnologias móveis em sua paisagem. Sem a flexibilidade do espaço urbano, isto é, na carência do acesso nômade à internet, da conectividade constante com os telefones celulares, dos sensores que trocam informações com dispositivos, inevitavelmente, diversos serviços param, estagnam, necrosam ou deixam de existir. Parece assustador, mas os impactos, causados por segundos de inoperabilidade dos serviços, são perceptíveis a cada falha diária. No instante da falha, o cérebro humano processa

² Ubiquidade, pervasividade e senciente são quase sinônimos. Ubiquidade ou pervasividade refere-se a possibilidade de estar em vários lugares ao mesmo tempo. Por computação senciente compreende-se a possibilidade de interconexão de computadores e objetos através de sensores que passam a se reconhecer de maneira autônoma e a trocar informações.

uma espécie de pânico que, por muitas vezes, faz perder a referência de proximidade, distância e mobilidade. Tal ocorrência está intimamente relacionada ao repertório do indivíduo consciente de sua inserção no espaço flexível, comunicacional, digital, ou seja, o homem acoplado a cidade ciborgue que se configura como um espaço de fluxo.

5. O jornalista desplugado

Como ficou evidente, ora até aqui exposto, o *modus operandi* da sociedade contemporânea, conectada às tecnologias da cibercultura, tem caracterizado toda uma ecologia da cultura móvel. Os indivíduos estão imersos em um processo de territorializações e deterritorializações consecutivas (GUATTARI, 1986). A constituição de uma sociologia da mobilidade passa, também, por um processo de reconfiguração dos espaços urbanos, além de se fazer necessário pensar em práticas semelhantes das sociedades nômades e tribais, fazendo uma relação, aqui, aos deslocamentos e afinidades, e modos de subjetivar.

Desse modo, no que se refere às novas teorias da comunicação, a ideia de mobilidade é fundamental para detectar características peculiares do jornalismo moderno. Novas práticas emergem dentro da tecnologia em interface com o espaço público. O papel do cientista da comunicação, assim como do jornalista, é de fundamental importância nesse processo. Mostra-se necessário explorar antigos valores em eixos estratégicos de mutabilidade teórica para compreender e/ou reinventar as atuais práticas que apresentam o jornalismo a passos paralelos com as tecnologias móveis.

Se no século XXI, com o aperfeiçoamento da fusão entre o espaço físico e o espaço eletrônico, há eminente probabilidade de estar em vários lugares ao mesmo tempo, o jornalista tem cada vez mais a possibilidade de otimizar seu ofício. Tal medida se clarifica, ao levar em consideração que o computador desaparece nos objetos, se torna a rede. Trata-se, em termos práticos, de compor as ferramentas computacionais mergulhadas no cotidiano de forma onipresente, tendo como fim o consumo e a produção da informação.

O interesse maior neste momento é reconhecer a tecnologia móvel enquanto figura central na compreensão das novas formas de se consumir e produzir informação. E nesse sentido, as tecnologias de comunicação e informação são os vetores ímpares do fluxo generalizado e, para muitos, “virótico”, sobretudo, de produtos subjetivos. Contudo, não se pode perder de vista que a era da conexão não é necessariamente a era da comunicação, principalmente se levantar a problemática de que a disseminação de instrumentos de

informação não fundamentalmente aprimoram a performance comunicativa, nem garante a construção de uma sociedade da comunicação aberta, melhor e em direção ao entendimento de sentidos.

A nova configuração do jornalismo digital dissemina práticas acopladas ao nomadismo tecnológico, as quais multiplicam a quantidade de informação. De tal modo, a era da conexão, reconfigura com constância, paralelamente a cultura da mobilidade, o jornalismo digital. E apesar do profissional jornalista demonstrar maior quantidade de horas destinadas ao ofício, sempre em estado de alerta, a flexibilidade social dispõe para a cultura jornalística uma organização mais fluída e com funções menos rígidas. Isso não exclui parâmetros de qualificação da notícia. Ao contrário, amplia, principalmente, se levar em consideração o intercambiamento dos lugares sociais.

Ao jornalista preso a uma mesa, rodeado de cabos e conectores, sérias consequências lhe são impostas: falta de instantaneidade, dificuldade de apuração, sobrecarga de tempo e ausência de fontes. Indícios de que para uma sociedade complexa e móvel, para a comunicação social, para o jornalista, não basta mobilidade em aparelhos eletrônicos, mas em modos de subjetivar também. Esse pode ser o segredo para que o jornalista possa dar conta das perturbações práticas e ao mesmo tempo não se torne refém da espiral eletrônica que está mergulhado. E é neste universo, campo de formação do conhecimento, que o jornalismo, como membro da ciência social, deve iluminar o profissional da área como um indivíduo capaz de enfrentar o desafio de pensar novos agenciamentos para um profissional que está se perdendo dentro dos conceitos centrais da teoria jornalística. Trata-se de pensar em práticas organizadas em torno de redes, mobilidade e fluxos técnicos e intelectuais.

6. A operacionalidade jornalística na era da conexão

A partir dos estudos e observações, verificou-se que as práticas contemporâneas do jornalismo digital usam, a todo momento, as tecnologias móveis para a produção de notícias. Tais procedimentos perpassam, praticamente, todas as etapas de elaboração da informação. Um exercício que não distingue mídias, apesar das diferenças técnicas de linguagem. Esse manuseio expõe um conjunto comportamental de procedimentos jornalísticos readaptados às novas ferramentas.

Ao chegar a uma coletiva de imprensa, por exemplo, o que mais pode ser visto são jornalistas equipados com dispositivos móveis. Seja com o celular ou com aparelhos munidos

de tecnologia *wireless*, o objetivo é quase sempre o mesmo: fornecer informações detalhadas e quase instantâneas, atualizando suas respectivas centrais. E, por incrível que pareça, existe todo um planejamento por trás de tamanho dinamismo, que é provocado instintivamente pelas técnicas do jornalismo digital. Caso os movimentos de planejamento não ocorram, é bem possível que a informação chegue ao seu formato final de modo insuficiente.

Na era da mobilidade, ainda parece não existir uma receita estruturada e estabelecida para o jornalismo digital. Todavia, os métodos organizacionais, baseados a partir da materialização de constante planejamento, condicionam as publicações dentro dos critérios de objetividade jornalística. Simplesmente não existem fórmulas constituídas, sobretudo, porque elas variam de acordo com a linguagem e transmutabilidade de cada mídia para a qual a informação está sendo construída, publicada e/ou veiculada. São identificadas, mais constantemente, necessidades de treinamento e desenvolvimento das equipes.

O planejamento em jornalismo está intimamente conectado ao compromisso do jornalista com o leitor, ouvinte ou telespectador. O profissional engajado coloca o receptor em primeiro plano e busca, a todo custo e sob as táticas do mercado, respeitar suas necessidades e interesses. Planejar, neste caso, se manifesta como um momento em que se estabelece a importância da publicação em sintonia com as necessidades. Evidencia-se, então, o instante em que o jornalista concentra suas práticas no cumprimento das metas e do compromisso firmado com o receptor. No campo do jornalismo digital as chances de entregar ao receptor um material de conteúdo qualitativo aumentam a cada atualização da informação e, o planejamento, também, se insere nesse campo. A atitude de checar e aferir periodicamente, evitando desvios, contribui para a potencialização da audiência e resguarda a mídia do envelhecimento editorial.

Outro panorama curioso, detectado durante a observação, foi a miscelânea editorial das mídias impulsionada pelas publicações instantâneas disparadas de dispositivos móveis. Nos veículos *online*, impresso, tevê e rádio a falta de atrelamento entre o material construído pelo jornalista *in loco*, no ímpeto das técnicas jornalísticas sobre os fatos, e a editoria, tem provocado no receptor uma sensação de fadiga e confusão frente o consumo das publicações. Com a versatilidade, muitas redações deixaram de planejar as pautas, os rumos do serviço diário. As pautas parecem despencar nos pés do jornalista, gerando uma lacuna nos processos de qualidade da notícia. A objetividade, principalmente, se torna ofuscada com a baixa sintonia entre os elementos envolvidos na construção do fato. Com a tamanha ausência de planejamento é comum haver, inclusive, a perda do monitoramento das publicações, fator

importante para o resgate da memória que obriga o jornalista a refletir sobre os desdobramentos da publicação e as diversas fases que ela passou.

Apesar de estar, praticamente, o tempo todo conectado a rede, o jornalista da cidade ciborgue tem demonstrado surtos de displicência ao relacionar pontos de vista temáticos nas publicações. Os diversos cenários internos e externos, isto é, as proximidades da informação global com a local, por muitas vezes, deixam de ser identificadas. Tal prática proporciona para o receptor uma ótica vaga, excluindo-o do panorama crítico e dinâmico da informação. De fato, as necessidades do indivíduo que consome a notícia não são atendidas por aquele emissor e com o grande aumento da velocidade das informações, das mutações tecnológicas e disseminação da banda larga, a competitividade entre as agências de notícia deve se acirrar ainda mais, tornando o receptor menos fiel a uma determinada mídia na primeira falha detectada.

Por outro lado, as publicações construídas a partir de dispositivos móveis têm demonstrado identidade. Uma noção de estilo que assume significado particular. Verifica-se que quanto mais a tradição dos “engessados” manuais de redação perdem seu domínio, e quanto mais o cotidiano é reconstituído sob pilares dialéticos entre o local e o global, tanto mais os jornalistas são compelidos a escolher métodos criativos para comunicar a partir de uma diversidade de opções. Giddens (2002) afirma que

por causa da “abertura” da vida social de hoje, com a pluralização dos contextos de ação e a diversidade de “autoridades”, a escolha de estilo de vida é cada vez mais importante na constituição da auto-identidade e da atividade diária. O planejamento de vida reflexivamente organizado, que normalmente pressupõe a consideração de riscos filtrados pelo contato com o conhecimento especializado, torna-se uma característica central da estruturação da auto-identidade (p. 9).

De certa maneira, é possível identificar razão para cada conjunto de informação disparada. E essa razão não, necessariamente, é a mesma para cada jornalista de uma redação em comum. Se isso gera desencontros e a falta de foco nas editorias, cabe o envolvimento em equipe para a preservação do dinamismo estabelecido e possibilitado por dispositivos móveis. Uma confusão facilmente testemunhada, por exemplo, é a publicação direta e imediata da notícia, executada pelo jornalista no local do fato, sem que antes a informação passe por outros portões, o famoso *gatekeeper* (WOLF, 2008), na perspectiva de se alcançar um critério editorial. E o exercício de se estabelecer uma publicação não deve ser submetido à tamanha instantaneidade, pois o furo jornalístico requer trabalhosa investigação. Mesmo com a

facilidade de retificação da informação na mídia digital, a notícia uma vez lançada, é a confiabilidade e o nome do profissional, principalmente, que está em jogo.

A estrutura física, o espaço e o tempo da publicação, estão intimamente relacionados aos modos de subjetivar do jornalista. Da rua, a partir de um CCm, o jornalista deve ter ali seus conceitos básicos delineados e, inclusive, um explícito senso de ligação entre a identidade visual, as seções práticas e a missão que o conteúdo construído passa a ocupar no ato da publicação. Pontos como imagem, foco no leitor, identidade, pauta, reportagem, texto, edição, correção gramatical, fotografia, ilustração, imagem e projeto visual são atividades processadas na construção subjetiva do jornalista. São ações que não podem ser pensadas fora do eixo organizacional da plataforma, pelo simples impulso. Oportunidades e riscos sempre irão existir na profissão do jornalista, contudo o uso do CCm pode ser uma solução para aproveitar as oportunidades e minimizar os riscos. Cada ação pode ser acompanhada de seu custo, duração e prazo para realização, mas bem estruturada, equilibrada e harmônica, é possível fazer do uso dos dispositivos móveis uma expansão incomparável da capacidade produtiva do homem e suas extensões (MCLUHAN, 1996).

Todo o percalço parece estar estruturado na insuficiência de readaptar as novas ferramentas pensando na coerência de montar um plano de desenvolvimento dos profissionais. Neste campo, existe uma grande possibilidade de se estabelecer uma relação direta entre expansão da cobertura jornalística, qualidade da publicação e bem-estar do profissional. Esta última se refere a uma maior independência do jornalista junto à empresa, que organiza o fluxo de trabalho e, quem sabe, aumente até a produção. Estágio característico da modernidade que revela a “crescente interconexão entre os dois ‘extremos’ da extensão e da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais do outro” (GIDDENS, 2002, p. 9).

A antiga mesa com o computador plugado a dezenas de cabos nunca se assimilou tanto as pesadas máquinas de datilografar. Com a mobilidade dos novos dispositivos, o jornalista faz da rua uma interface planetária e constitui um conjunto orgânico de atividade editorial e operacional livre das paredes da redação. Em um banco da praça, o jornalista aciona seu radar do local ao global, interage com seus receptores, avalia suas próprias publicações e cria novas pautas.

7. Conclusão

A pesquisa se constituiu a partir de um pensamento que se entrelaçava com a busca pela compreensão da relação existente entre cultura móvel e práticas jornalísticas. Para tanto, foi decidido acessar subjetividades com a fixa convicção que tal tarefa levaria este estudo a conhecer jornalistas e até empresas “antenas” (ou não) aos novos conceitos tecnológicos da mobilidade, além de interpor sobre as experiências, confrontos teóricos do campo da comunicação social.

Através das experiências acompanhadas, jornalistas que faziam uso constante dos computadores coletivos móveis (CCm) em suas relações laborais, constatou-se amplas implicações comportamentais do indivíduo na profissão. Inclusive situações de melhoria da aptidão produtiva, um dos principais indícios da formação de boas relações trabalhistas. Todavia, foi desconsiderada a ideia de associação entre o uso do CCm e as condições ideais de trabalho para o exercício do jornalismo. Ao contrário, considerou-se a potencialização possível. Ficou evidente que a mobilidade, por excelência, não é a principal responsável pela construção de conteúdos arquitetados sob os moldes do jornalismo digital, mas uma ferramenta que multiplica a otimização das oportunidades. Frequentemente envolve o profissional que circula por áreas urbanas centrais nas quais são elevados os sinais de intercambiamentos planetários (LEMOS, 2004) que resultam com muita constância na expansão do consumo e produção de conteúdos. Abrange mais constantemente profissionais pertencentes aos grupos institucionais que já há alguns anos desempenham papéis ligados a grande rede, sobretudo portais, rádio e tevê web. Concomitantemente a esse ambiente, os jornalistas das mídias convencionais buscam, cada vez mais, inserir práticas possíveis graças ao CCm.

Vivenciando essa ecologia multiforme, os jornalistas observados relataram sobre as suas vidas, assinalando mais do que benefícios, atitudes que os encaminharam para uma prática profissional desvinculada de horários que, por sua vez, está extremamente atrelada, mas que não se executa, às formas de reconhecimento e recompensa capital por parte da empresa. Identificou-se, também, mentalidades com profundas dificuldades de resistência frente às interferências de empresas que descartam a virtualização produtiva das práticas jornalísticas, assim como o vislumbre da pessimista perspectiva de capacidade do progresso das próprias atividades, no sentido de desânimo ou permanência na interface de cabos e conectores das redações, como se o quantitativo e o qualitativo das investigações jornalísticas estivessem fadados à utilização das tecnologias móveis.

Ainda que todos, enquanto jornalistas diplomados e instruídos com técnicas e manuais de suas respectivas redações, observou-se em suas falas e comportamentos, que na ausência de determinados CCM, o celular por exemplo, as atividades diárias não mais corresponderiam a um fluxo de necessidades e expectativas. Isso leva a crer que o uso do telefone fixo, nem mesmo como equipamento de reparação, não alcança a plena eficiência de produção dos estágios de uma reportagem. Até porque, em determinados estágios da construção de uma publicação, a comunicação entre a empresa e o repórter, poderá ficar impossibilitada.

Nas redações empregadoras dos jornalistas monitorados, verificou-se que os dispositivos móveis, na maioria das vezes, eram de propriedade particular dos próprios profissionais, que inseriam em suas atividades as ferramentas satisfatórias e amenizavam as dificuldades surgidas e os problemas adquiridos. Muitas vezes, nas entrelinhas dos discursos dos profissionais da imprensa, captou-se que o enfrentamento dos problemas, dentro do complexo universo de modernização das empresas, era convertido em ações reparadoras de cunho temporário, mas que ali se mantinha, agravando ainda mais o ambiente sucateado e desprovido dos parâmetros organizacionais das editorias.

Nesse cenário, as instituições que poderiam estar atuando como aparelhamentos de estímulos para determinados comportamentos que compactuam mobilidade e jornalismo, tais como treinamento, suporte e atualização, se localizam igualmente distantes ou se colocam apartadas das discussões e, sem surpresas, atuando em prol do reforço de uma administração inflexível e arcaica. Não por acaso que os profissionais observados revelam suas histórias a partir do momento que se configuram “órfãos” do apoio técnico administrativos, tempo no qual, surge o elemento logística, isto é, os processos que constituem a cadeia de produção da publicação.

O comportamento dos jornalistas junto aos dispositivos móveis, apresentado pelos profissionais acompanhados por este estudo, se referencia com os sinônimos de necessidade conectados com fatores consequentes, tais como: intercambiamentos de interfaces, deslumbramento ao acesso rápido das fontes e expansão das possibilidades de cobertura dos acontecimentos. A facilidade com que se encaminham no universo da mobilidade gera uma relação de identidade com a linguagem e o ambiente que lhes proporcionam maior sensação de probabilidades criativas, potencializando valores intelectuais, tão requisitados pelo campo da comunicação social.

Através da observação participante foi possível concluir que a interrupção dos dispositivos móveis do jornalista tem provocado insegurança, impotência e uma espécie de sobrecarga de estratégias reparadoras para conter as dificuldades. Desagregados dos

mecanismos, as pautas revelam-se insipientes e sequer são cumpridas de forma integral e, quando são, não atingem a expectativa objetivada.

Com relação ao tratamento das empresas aplicado aos profissionais, detectou-se evidências que indicavam uma relação de desconfiança das capacidades possíveis graças o uso do CCm, o qual gerava uma gradativa “virtualização” do funcionário dentro das redações. Em alguns casos esse tipo de relacionamento patronal tinha como justificativa a ausência de controle sobre as horas trabalhadas do jornalista, mesmo que as pautas fossem sempre cumpridas. Dessa maneira, encontrou-se profissionais insatisfeitos e coagidos pelos moldes administrativos do “tempo da máquina de datilografar”. Por outro lado, durante visitas em algumas agências, foi descoberto significativo planejamento adequado as novidades do mercado da mobilidade computacional. Provocava-se uma intensa sensação de independência criativa nas subjetividades dos jornalistas para que em troca recebessem um maior volume e variedade de publicação. Se por um lado isso advinha experiências de redução da pressão patronal, por outro se criava um jornalista sob regime de trabalho bem mais ampliado que o comum. Mesmo após o fechamento das redações, o jornalista estava sob alerta para a qualquer momento fazer uma nova atualização na cadeia de publicação.

Após os estudos desempenhados, a indagação de como a cultura móvel interfere nas práticas do jornalista, configurando um profissional onipresente, envolvido pela rede e em uma conexão generalizada se clarifica e se torna evidente. As forças potencializam as novas interfaces da comunicação social moderna. O CCm estende a construção da subjetividade do jornalista, no sentido de potencializar acoplamentos multiculturais no encaminhamento e execução de papéis vinculados a profissão. Trazer à tona toda essa problemática significa encarar a complexidade de uma cadeia que precisa ser entendida como um conjunto de sistemas interligados, descartando aplanamentos.

Atualmente, com as crescentes modificações nas interfaces, prestes a mudar totalmente o modo como interagir com a máquina, decretando como defasado, inclusive, daqui um tempo, até mesmo dispositivos móveis como o notebook, é preciso sancionar uma comunicação social eficiente edificada com capacitação profissional regulamentada por órgãos educacionais e executada como um espaço crucial de reconhecimento do próximo. Consistiria assim, talvez, em diálogos construídos numa relação de reciprocidade, pois não se fixa uma ideia própria sem o conhecimento do diferente. O papel do comunicador precisa se configurar, cada vez menos, como indivíduo pregador de ideologias e, cada vez mais, como mediador que possibilita canais com aberturas para os diversos discursos que conformam as variadas tribos da sociedade. E isso implica ir de encontro às tendências das políticas

neoliberais e mercantilistas que sempre dão provas de atuações desastrosas, rompendo laços de gerações, desmoralizando os serviços básicos, como o acesso a terra, a educação e a saúde, e encaminhando para a desesperança as maiorias, enquanto que a minoria impõe os julgamentos carregados de preconceitos fúteis e se acomoda atrás dos altos muros, rodeados de câmeras, verbalizando com escárnio as formas de exploração e as lutas de coletivos.

Referências

ANDERSON, Chris. **A cauda longa**: do mercado de massa para o mercado de nicho. São Paulo: Campus, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. A alucinação coletiva do virtual. **Caderno Mais!**, p. 3. Folha de São Paulo, São Paulo, 28 jan. 1996.

COX, Harvey Gallagher. **A cidade do homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

GUATARRI, Félix. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Plínio Dentzien (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LEMOS, André. **Cibercidade**: as cidades na cibercultura. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.